



**Brasil  
Governo Federal  
Ministério do Esporte**

**Universidade de Brasília – UnB  
Centro de Educação a Distância – CEAD  
Especialização em Esporte Escolar**



**Educação Física Escolar Indígena: O Programa  
Segundo Tempo e sua Importância na  
Revitalização dos Jogos Tradicionais das Crianças  
do Povo Baré na Escola Municipal de Terra Preta-  
Rio Negro – Manaus/ Amazonas**

Por:

**Jhones Rodrigues Pereira**

Orientador:

**Professor Doutor Paulo Henrique Azevedo**

Brasília (DF), 02 de maio de 2006.

**Jhones Rodrigues Pereira**

**Educação Física Escolar Indígena: O Programa  
Segundo Tempo e sua Importância na  
Revitalização dos Jogos Tradicionais das Crianças  
do Povo Baré na Escola Municipal de Terra Preta-  
Rio Negro – Manaus/ Amazonas**

Monografia realizada como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Esporte Escolar**, pelo Centro de Educação a Distância, da **Universidade de Brasília**.

Orientador:  
**Professor Doutor Paulo Henrique Azevêdo**

Brasília (DF), 02 de maio de 2006.

PEREIRA, Jhones Rodrigues

Educação Física Escolar Indígena: O Programa Segundo Tempo e sua Importância na Revitalização dos Jogos Tradicionais das Crianças do Povo Baré na Escola Municipal de Terra Preta – Rio Negro – Manaus/ Amazonas. Manaus, 2006.

69p.

Monografia (Especialização) – Universidade de Brasília. Centro de Educação a Distância, 2006.

1. Jogos Indígenas 2. Lúdico Indígena 3. Educação Física Indígena.

**Jhones Rodrigues Pereira**

***Educação Física Escolar Indígena: O Programa Segundo Tempo e sua Importância na Revitalização dos Jogos Tradicionais das Crianças do Povo Baré na Escola Municipal de Terra Preta – Rio Negro – Manaus/ Amazonas.***

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Esporte Escolar**, pelo Centro de Educação a Distância, da Universidade de Brasília, pela Comissão formada pelos professores:

Presidente: ***Professor Doutor Paulo Henrique Azevêdo***  
Universidade de Brasília

Membro: ***Professor Doutor Jônatas de França Barros***  
Universidade de Brasília

Brasília (DF), 02 de maio de 2006.

### **Dedicatória**

Ao meu pai, JÚLIO RAFAEL PEREIRA (*in memoriam*), por me ensinar sua simplicidade, humildade e sabedoria.

A minha mãe Aldelis Rodrigues Barros, pelo seu apoio e carinho.

Aos meus irmãos Eder, Ayêda, Ozilene, Leila e Fábio (*in memoriam*), pelo estímulo nos momentos difíceis e alegres de minha vida.

A minha noiva Raquel Dyana, pela atenção, carinho e os momentos de amor mais felizes da minha vida.

## **Agradecimentos**

A Deus, por tudo que tens me dado.

Ao meu orientador Prof. Dr. Paulo Henrique Azevêdo, pela paciência, atenção e profissionalismo.

Ao meu amigo Ricardo Marrocos, muito obrigado pela força.

Aos profissionais do Núcleo de Educação Escolar Indígena da Prefeitura Municipal de Manaus, pela paciência, amizade e profissionalismo.

*“É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral, e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu.” (Winnicott, 1975, p. 80).*

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	1
2. REVISÃO DA LITERATURA .....	5
3. METODOLOGIA .....	24
4. ANÁLISE DESCRITIVA.....	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	42
ANEXOS .....	45



## RESUMO

Esta pesquisa mostra a importância da inserção do Programa Segundo Tempo na revitalização dos jogos tradicionais das crianças Baré, da Comunidade Indígena Terra Preta - Manaus/ Amazonas. Analisa a forma como o Programa pode contribuir para a inclusão social dessas crianças em esportes não tradicionais praticados por determinada comunidade. Aborda a relevância de se revitalizar e manter os jogos tradicionais desse povo, como forma de contribuir para a preservação dos saberes milenares indígenas; além de proporcionar às crianças e adultos, constante divertimento e convívio social prazeroso e harmonioso. A condução metodológica da investigação partiu da análise de uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa, cujas técnicas de pesquisa foram: roteiro aberto (questionário) de entrevista; observação participante e o registro de observações a respeito do cotidiano da comunidade. Para registrar os dados coletados foram utilizados os seguintes instrumentos: gravador e diário de campo. A escolha desses instrumentos foi um indicativo da comunidade Baré, que demonstrou uma certa preocupação, em não poder contribuir para o teor desta, por não dominarem muito bem a escrita. Este trabalho apresenta uma abordagem histórica do Povo Baré, enfocando o lúdico indígena, os jogos tradicionais e não tradicionais da etnia e a inclusão social que o Programa Segundo Tempo poderá abranger. Os resultados evidenciam que o Programa Segundo Tempo, em articulação com as comunidades indígenas, pode contribuir para a revitalização do patrimônio material e imaterial dos Povos Indígenas.

Palavras-chave: Jogos Indígenas; Lúdico Indígena; Educação Física Indígena;

## 1. INTRODUÇÃO

A variedade de grupos étnicos na cidade de Manaus, com uma estimativa de 20.000 pessoas (Coordenação das Organizações Indígena da Amazônia Brasileira - COIAB) com história, saberes, culturas, línguas próprias, remete-nos a pensar na riqueza sociocultural advinda dessas culturas tradicionais. Tais conhecimentos, filosofias e ciências foram construídos ao longo de milênios, com alto grau de criatividade e sensibilidade de seus membros. Cada povo desenvolveu experiências particulares quanto a suas organizações sociais, econômicas e políticas. Suas formas de ver e pensar o mundo, a humanidade, a vida, a morte, o tempo, o espaço, o lazer e os mitos são próprios e específicos.

Dessas reflexões sobre o cosmo, os seres, dos significados elaborados das coisas e acontecimentos, surgem diferentes visões de mundo, refletidos na arte, na música, nos mitos, nos rituais, nos discursos. Isso tudo é herança de gerações anteriores e que estão sempre em constante construção, (re) elaboração, criação e desenvolvimento.

O respeito ao direito, a diferença, exigido no Brasil pela Constituição Federal de 1988, mais precisamente subscrita no artigo 217, é o principal recurso jurídico para a continuidade do processo de construção desse patrimônio, sempre renovado em seus conteúdos e possibilidades e de valor inestimável.

Na perspectiva de inclusão social, o Programa Segundo Tempo deveria estender seus domínios de pesquisa aos Povos Indígenas, pois o Estado do Amazonas apresenta um dos maiores contingentes de população indígena do Brasil, cerca de 66 etnias (Fundação Estadual dos Povos Indígenas – FEPI), em diversos estágios de contato, falando 48 línguas correspondendo assim, a uma rica diversidade cultural corpórea de movimentos significativa.

A busca por melhoria na qualidade de vida tornou-se necessária em função da situação de contato enfrentada ao longo da história do Brasil. Destituídas de suas condições naturais, esses povos tiveram que se adequar aos novos tempos, aos novos espaços, buscando alternativas de sobrevivências, ora assumindo identidades genéricas (caboclo, ribeirinhos, peões), ora migrando para os centros urbanos dos municípios, enfrentando situações subhumana de sobrevivência (subempregos, prostituição), sofrendo toda ordem de preconceitos e discriminações.

A Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB/ 96, no seu artigo 78 enfatiza que é necessário proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades étnicas e a valorização de suas línguas e ciências.

Dessa forma, é preciso considerar que na elaboração de projetos esportivo-educacionais para essa população, tenham como princípio a manutenção de tais dispositivos para se garantir o oferecimento de políticas públicas na área do esporte e lazer que valorize a cultura e as tradições dos povos indígenas.

A proposta desse estudo remete-se à valorização e revitalização dos saberes tradicionais, na perspectiva lúdica, apreendidos e repassados ao longo de milênios e que outrora estão fadados ao esquecimento.

A execução do projeto se dará na Comunidade Terra Preta situada à margem esquerda do Rio Negro no Município de Manaus. Possui aproximadamente 138 pessoas entre crianças e adultos. (FONTE: Núcleo de Educação Escolar Indígena – SEMED, 2005). O Distrito Rural de Educação da Secretaria Municipal de Educação – SEMED é o responsável pela educação fundamental.

É necessário, acima de tudo, tentar descobrir junto aos alunos os significados culturais daqueles jogos, danças, lutas e brincadeiras e, portanto, refletir sobre os motivos pelos quais essas práticas foram “abandonadas”. Dessa forma, a educação física escolar indígena poderá contribuir para a transmissão de conhecimentos e valores corporais entre antigas e as novas gerações.

A Educação Física Escolar Indígena poderá sistematizar os conhecimentos tradicionais dentro da cultura corporal de movimentos agregando valores dos conhecimentos do domínio do comportamento humano: cognitivo, psicomotor e afetivo-social (Piaget, 1989), servindo também, para divulgar os aspectos corporais das culturas indígenas para a sociedade brasileira, como também estimular a troca de conhecimentos e técnicas dos povos indígenas entre si.

## **OBJETIVOS**

Revitalizar e valorizar, com o apoio do programa Segundo Tempo, à cultura corporal de movimentos das crianças do Povo Baré na Escola Municipal de Terra Preta – Rio Negro no Município de Manaus, através de atividades lúdicas, jogos, danças, cantos e rituais próprios da etnia;

Mostrar a importância do Programa Segundo Tempo como forma de inclusão social nas práticas esportivas formais e a revitalização das atividades físicas naturais dos Povos Indígenas.

## **DELIMITAÇÃO DO TEMA**

Investigar a importância do Programa segundo Tempo na revitalização dos jogos tradicionais das crianças Baré da comunidade Terra Preta, situado à margem esquerda do Rio Negro, área rural da Cidade de Manaus/ Amazonas. Nesta direção trazer políticas públicas que contribuam para a preservação dos saberes milenares indígenas transmitidos de geração a geração.

## 2. REVISÃO DA LITERATURA

A Educação Física, nos últimos anos, atingiu um grau de importância fundamental entre as ciências. À medida que os conhecimentos científicos avançam, o acompanhamento das descobertas de novas tecnologias se torna imprescindível.

Hoje, fala-se muito em inclusão social, sendo necessário que a ciência Educação Física esteja renovada em seus conteúdos para conceber tal realidade.

Em nossos estudos, a inclusão das minorias<sup>1</sup> em programas esportivos educacionais compreende uma das nossas metas. Ainda mais quando se trata das populações indígenas do Estado do Amazonas que concentra o maior número de índios do Brasil.

Nessa perspectiva, Melià<sup>2</sup> (1979), proporciona-nos em suas pesquisas, a visão de mundo indígena, partindo suas observações educacionais de dentro da aldeia guarani, vivendo o cotidiano e participando das manifestações culturais desse povo. Para que outrora a sociedade envolvente possa entender um pouco do que é específico, diferente e multicultural.

Jurema<sup>3</sup>, mostra a vida e o cotidiano do Povo Tukano do Alto Rio Negro. Relata, ao contrário de Melià, uma visão do mundo indígena vista pela sociedade

---

<sup>1</sup> Neste caso, estamos falando das populações indígenas. Populações estas que historicamente foram obrigadas a se inserir nesta nomenclatura devido aos preconceitos recebidos pela sociedade envolvente. Além, de em muitos casos, não assumirem mais a identidade indígena.

<sup>2</sup> Ver. MELIÀ, Bartomeu. Educação Indígena e Alfabetização. São Paulo. Ed. Loyola. 1979.

<sup>3</sup> Ver. JUREMA, Jefferson. O Universo Mítico-Ritual do Povo Tukano. Manaus. Ed. Valer. 2001.

envolvente de uma forma mitológica, pura, intocada, ou seja, uma visão de fora para dentro da aldeia.

Os módulos da especialização<sup>4</sup> utilizados como reforço complementar, relatam de forma objetiva, a clareza da inclusão social. Por que não pensar um Programa Segundo Tempo Indígena? Ouvir e respeitar as suas especificidades e diferenças?

A base legal para justificar os estudos está no Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas - RCNEI, na Constituição Federal em seus artigos 215 e 217, e na Lei diretrizes e Bases da Educação no artigo 78, parágrafos e a resolução Nº 11/ 2001/ CEE/ AM. Todas essas fundamentações jurídicas beneficiam essas populações<sup>5</sup>.

Em se tratando de movimento corporal, Piaget<sup>6</sup> sintetiza os domínios do comportamento humano: cognitivo, afetivo e psicomotor afirmando que o ser completo controla esses comportamentos. Os indígenas fazem isso brincando.

Vygotsky<sup>7</sup>, diferentemente de Piaget, considera que o desenvolvimento psicomotor ocorre ao longo da vida. Diz que o sujeito não é ativo nem passivo, mais interativo.

Freire<sup>8</sup>, o precursor da Pedagogia da Autonomia vem contribuir de forma significativa, pois quando se trata de liberdade no pensar, no produzir, em ser feliz, não há outras pessoas, se não os indígenas para confirmar tal teoria. Para as populações indígenas ter liberdade no pensar, no agir, no fazer é fundamental para as atividades cotidianas.

---

<sup>4</sup> Ver. Referências Bibliográficas: MÓDULOS: 1-Esporte e Sociedade; 2-Dimensões Pedagógicas do Esporte; 3-Jogo, Corpo e Escola; 4-Manifestações dos Jogos; 5-Manifestações dos Esportes.

<sup>5</sup> Ver Referências bibliográficas.

<sup>6</sup> Ver. PIAGET, J. A psicologia da criança. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil. 1989.

<sup>7</sup> Ver. Vygotsky, L.S. A formação social da mente. São Paulo. Martins Fontes. 1984.

<sup>8</sup> Ver. FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa (coleções de leitura). São Paulo. 27ª Ed. Paz e terra. 1996 (2003).

## A Comunidade Indígena Terra Preta – Povo Baré

Situada à margem esquerda do Rio Negro, na área ribeirinha da cidade de Manaus, a comunidade indígena Terra Preta, possui 138 habitantes da etnia Baré e alguns indígenas da etnia Baniwa, Tukano, Mura e Munduruku. Adveio da área indígena da cidade de São Gabriel da Cachoeira – Alto Rio Negro, no Estado do Amazonas, trazida pelo índio Cassiano Bruno<sup>9</sup> com o objetivo de melhores condições de sobrevivência e subsistência para a família.

Com o passar do tempo, a comunidade cresceu e de duas famílias o povoado passou para vinte famílias. Hoje, os sobrinhos do precursor são os responsáveis pela organização do grupo, Jonas, Gabriel, Olavo, e Mário Aleixo tomam as decisões em conjunto com o presidente da comunidade, o índio Anildo Levino<sup>10</sup>.

Há eleições para a escolha do presidente a cada dois anos. O mesmo pode ser reeleito, dependendo da avaliação dos outros indígenas, de acordo com o pensamento transcrito abaixo:

*“Diferente das sociedades indígenas vistas em livros e filmes, a nossa não possui um sistema de líder para sempre. Não há o filho do pajé, o do Tuxaua ser o novo líder quando o anterior morrer. Aqui a eleição é que decide. Até penso nessa condição, mas é preciso discutir com os outros” (Depoimento de Anildo Levino, presidente da Comunidade de Terra Preta).*

A organização física da aldeia (locais das casas) se dá ao redor de um campo de futebol com a delimitação oficial, (uma vedete entre o povo). Todas as tardes acontecem as tradicionais “peladas” para o conagraçamento entre os membros.

---

<sup>9</sup> Ver foto em anexo p. 59.

<sup>10</sup> Ver foto em anexo p. 59.



A comunidade se orgulha do que tem conseguido com as parcerias realizadas com o setor privado e com o poder público, sendo os seguintes benefícios:

1)Um posto de saúde administrado pela COIAB-FUNASA. O agente de saúde é o índio Waldomiro.

2)Uma escola<sup>11</sup> : a parte física foi construída pela ONG Visão Mundial e a parte administrativa e pedagógica são coordenadas pela SEMED, sendo o professor, o índio Jonas Aleixo. Possui uma turma multisseriada de crianças que estudam o ensino fundamental pela manhã. À tarde, o índio Olavo Aleixo ministra aula de Nheengatu, língua geral indígena para todos os comunitários da aldeia.

3)Uma igreja Presbiteriana: o diácono é o índio Gabriel Aleixo. A presença da igreja é muito forte e influencia na tomada de decisões da comunidade. Ressalte-se que foi constatada uma resistência da comunidade no sentido da Revitalização da Cultura Indígena. Algumas manifestações indígenas são entendidas como pecado e figuram como proibidos para o povo.

4)Um clube de mães – é patrocinado por um hotel de selva e fabricam-se roupas e artesanatos indígenas.

5) OKA YANBAOWARENDAWA - local onde há as refeições e reuniões.

6) YANEMORAKI TAROKA – Centro cultural de confecção e venda de artesanato.

---

<sup>11</sup> Ver foto em anexo p. 59.

## As Manifestações Lúdicas Baré

A palavra lúdico vem do latim *ludus* e significa brincar. No brincar estão incluídos os jogos, brinquedos e divertimentos, relativizando, também, à conduta daquele que joga, brinca e se diverte. Por sua vez, a função educativa do jogo oportuniza a aprendizagem do indivíduo, seu saber, seu conhecimento e sua compreensão de mundo.

Na sociedade indígena, cada etnia tem sua maneira de expressar a cultura corporal de movimentos (RCNEI, 2005).

O povo Baré da comunidade de Terra Preta entende que o lúdico "... é o comer o tomar banho de rio, caçar, dançar, pescar, é tudo que está aqui. Faz relação com o trabalho...Agente trabalha sério, mas ensina para o parente como trabalhar com gosto, brincando, isso é bom" (Depoimento do professor indígena, Jonas Aleixo).

O jogo e a brincadeira estão presentes em todas as fases da vida dos seres humanos, tornando especial a sua existência. De alguma forma o lúdico se faz presente e torna-se um ingrediente indispensável no relacionamento entre as pessoas, possibilitando que a criatividade aflore.

Para Rojas, (1997), o lúdico está presente em todos os momentos do ser humano fazendo parte de sua educação:

*O brincar é a ludicidade do aprender. A criança aprende brincando. O fazer-de-conta, que é o momento de ênfase à imaginação é vivenciado por idéias. Dramatizar, contar, viver e elaborar histórias criando seu espaço lúdico. No brincar com outras pessoas a criança aprende a viver socialmente, respeitando regras, cumprindo normas, esperando a sua vez e interagindo de uma forma mais organizada. Por meio da brincadeira a criança envolve-se no jogo e sente a necessidade de partilhar com o outro. Ainda que em postura de adversário, a parceria é um estabelecimento de relação. Esta relação expõe as potencialidades dos participantes, afeta as emoções e põe à prova as aptidões testando limites. Brincando e jogando a criança terá oportunidade de desenvolver capacidades indispensáveis a Sua*

*futura atuação profissional, tais como atenção, afetividade, o hábito de permanecer concentrado e outras habilidades perceptuais motoras.*

Para Vygotsky (1984), é no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva. Segundo ele, a criança comporta-se de forma mais avançada do que nas atividades da vida real, tanto pela vivência de uma situação imaginária, quanto pela capacidade de subordinação às regras.

Enquanto Vygotsky defende o faz de conta, Piaget (1978) fala do jogo simbólico dizendo que “a criança pode trazer para o plano da representação mental tudo aquilo que vir nas experiências práticas. Trazer essas experiências para a imaginação, contudo, cria problemas, pois ela não pode simplesmente ter as imagens na mente, é preciso coordená-las, internamente, até que ganhem coerência, lógica, inteligibilidade, passando a ser fonte de reflexões, de compreensões, de criações. Esse trabalho todo é cumprido com bastante dificuldade, mas, ao mesmo tempo, a criança exercita esse empenho de imaginação, jogando com os dados de representação. Ela faz de conta, isto é, fantasia suas experiências e com isso ganha desembaraço para imaginar, para pensar” (Módulo 3).

Para alguns autores como (Oliveira, 1997), o faz de conta e o jogo simbólico são correspondentes. O importante neste estudo não é traçar paralelo entre Piaget e Vygotsky, mas utilizar seus estudos para fundamentar o conceito do lúdico.

Melià (1979) identifica que o jogo seja um dos aspectos relevantes para a educação indígena:

*Possivelmente é o jogo um dos elementos mais importantes da educação indígena. Sabe-se que a criança aprende brincando. A originalidade aqui é que o índio, já desde pequeno, brinca de trabalhar. Seu brinquedo é, conforme o sexo, o instrumento de trabalho do pai ou da mãe. O índio, que brincar de trabalhar, depois vai trabalhar brincando (Melià, 1979, p.19).*

E continua, afirmando que a relação entre ludicidade e o trabalho são fatores importantes para a educação étnica, tendo em vista que “o seu jogo é brinquedo, não lhe deu ilusões, que depois a vida lhe negará. Pequenos arcos e flechas nas mãos de um menino ou pequenos cestos dependurados da cabeça de uma menina, que vai com a mãe buscar mandioca na roça”, nos mostra a riqueza explorada por essa relação. Piaget (1977), o pai da teoria da aprendizagem, explica esta relação afirmando que o ser humano completo domina seus comportamentos. E estes comportamentos estão relacionados com a cognição, a afetividade e a psicomotricidade.

Na sociedade indígena Baré de Terra Preta nos chamou atenção à maneira em que as crianças gozam de uma grande liberdade nos seus movimentos, fazendo o que bem querem, sem que os adultos se imponham dando-lhes correções ou proibições. Por outro lado, as mesmas não dão motivo de aborrecimento aos pais ou a outros membros da comunidade. O que não quer dizer que as relações entre eles sejam tensas ou tristes. O adulto brinca com a criança e a criança brinca com o adulto.

Para Freire (1996), essa autonomia que é dada às crianças indígenas é sinal de respeito à formação do sujeito adulto. Nesta citação de Freire, ousou trocar as palavras “professor” e “educando”, por índio adulto e criança indígena, para melhor compreensão:

*O índio adulto que desrespeita a curiosidade da criança indígena, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem... O índio adulto que ironiza a criança indígena, que minimiza que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais ténue sinal de rebeldia legítima,... transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência.*

A ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento.

### **Os jogos da Comunidade Terra Preta – Povo Baré**

Na história da humanidade, não se conhece bem quando o jogo surgiu entre os seres humanos. Para a comunidade científica foi necessário que o ser humano tivesse desenvolvido um meio intersubjetivo de ensinar e aprender a jogar.

*Para conseguir inter-relacionar-se, a espécie precisou de mecanismos novos que lhe permitissem aferir, sentir e descobrir o outro, ao mesmo tempo em que era aferido, sentido e descoberto pelo outro. A espécie foi desde então, capaz de estabelecer uma comunicação entre o “mundo real e o imaginário”, o “lógico e o afetivo”, o “especulativo e o existencial”, “o inconsciente e o consciente”, o “sujeito e o objeto” (Rocha Ferreira, 2005)*

E o jogo passou a ser ao *Homo Ludens*<sup>12</sup>, um excelente instrumento para auxiliar no desenvolvimento do planejamento, estratégias, julgamento, etc., de uma maneira prazerosa.

Segundo Nilda Neves (citada por Rocha Ferreira, 2005), “o jogo reside em sua intensidade, fascinação e capacidade de excitar, expressa pela incerteza e pelo acaso. Estão presentes nas histórias infantis, nos mitos, nos rituais sagrados nas atividades de passatempo”.

Para Rocha Ferreira, nos jogos tradicionais indígenas permeia os mitos, os valores culturais, um mundo material e imaterial de cada etnia. Os jogos, portanto, foram criados pelos povos e alimentados pelo “imaginário” e o “faz-de-conta”, tendo

---

<sup>12</sup> Ludens: em latim brincar, jogar.

sua difusão através do contato e (re) significados com as transformações das civilizações e sociedades.

Nesta direção, durante a situação de contato dos povos indígenas com a sociedade envolvente os esportes começaram a fazer parte do gosto e do prazer indígena.

Admirados com o futebol jogado pela seleção brasileira e dos clubes profissionais a paixão foi instantânea (RCNEI, 2005. p. 323).

Na comunidade Terra Preta existe um campo de futebol com medidas oficiais que é utilizado todas as tardes para a prática esportiva do futebol. Além do futebol, outros esportes foram introduzidos no lazer indígena Baré: o voleibol, o basquetebol, e o tênis de mesa.

Dito isto, poderemos nos próximos tópicos, sustentar a hipótese de fazermos o Programa Segundo Tempo Indígena, contemplando as modalidades esportivas e os jogos tradicionais indígenas, respeitando a especificidade e a alteridade<sup>13</sup> de cada povo.

Apresentaremos o quadro de Dunning, 1977 (Rocha Ferreira, 2005), para mostrar as diferenças fundamentais entre jogos tradicionais e esportes. É importante notar, as raízes de cada um, e as diferenças entre eles no mundo contemporâneo.

---

<sup>13</sup> Ser o outro, colocar-se ou constituir-se no lugar do outro... Aristóteles considerou que a distinção de um gênero em várias espécies e a diferença dessas espécies na unidade de um gênero implica uma **alteridade** inerente ao próprio gênero: isto é, uma **alteridade** que diferencia o gênero e o torna intrinsecamente diverso (met. , X, 8, 1.058 a 4 ss). Do conceito de **alteridade** valeu-se Plotino para assinalar a diferença entre a unidade absoluta do primeiro princípio e intelecto, que é sua primeira emanção: sendo o intelecto ao mesmo tempo pensante e pensado, intelecto enquanto pensa, ente enquanto é pensado, é marcado pela **alteridade**, além de sê-lo pela identidade. (enn., V, I, 4). (Abbagnano, 2003, p. 34/5).

## Caracterização dos jogos tradicionais e esportes

**Quadro 1. Propriedades estruturais dos jogos tradicionais e esportes (Dunning, E. 1977)**

<b>Jogos tradicionais</b>	<b>Esportes</b>
Difusão, organização informal implícita na cultura local.	Organização formal específica, institucionalizada a nível local, estadual, nacional e internacional.
Normas simples e orais, legitimadas pela tradição.	Normas formais e escritas, trabalhada pragmaticamente e legitimadas por meios racionais e burocráticos.
Padrões dos jogos maleáveis, tendência para mudar a longo tempo e, do ponto de vista dos participantes, imperceptíveis quebras (cortes).	Mudanças institucionalizadas através de canais racionais e burocráticos.
Variações regionais de normas, tamanho e formas das bolas etc,	Padronização nacional e internacional das normas, tamanho e formas das bolas, etc.
Limites não fixos de território, duração ou número de participantes.	Jogado num campo espacial limitado com delimitação claramente estabelecida, dentro de limites de tempo fixos, e com número de participantes fixos, distribuídos igualmente entre os lados.
Influência forte de diferenças naturais e sociais no padrão do jogo.	Minimização, principalmente por meios de regras formais e adaptações tecnológicas, das influências naturais e diferenças sociais nos padrões de igualdade e gentileza.
Papel baixo de diferenciação (divisão de trabalho) entre os jogadores.	Padrão alto de diferenciação (divisão de trabalho) entre os jogadores.
Distinção mais solta entre jogar e papéis esperados.	Distinção restrita entre jogar e papéis esperados.
Diferenciação estrutural baixa, vários elementos jogados num só.	Diferenciação estrutural alta, especialização no chute, carregar e arremessar, o uso de bastões etc.
Controle social informal pelos jogadores mesmos dentro do contexto do jogo.	Controle social formal pelos árbitros, que estão fora do jogo e são oficialmente destinados e certificados pelo setor responsável. Quando ocorre uma falta, o jogo para e penalidades são cobradas.
Nível alto de tolerância física socialmente, emoções espontâneas.	Nível baixo de tolerância física socialmente, controle emocional alto e contenção alta.
Geração numa forma espontânea e aberta de prazer de excitação na partida.	Geração numa forma controlada e "sublimada" de prazer e excitação na partida.
Ênfase na força física como oposta à habilidade.	Ênfase na habilidade como oposta da força física.
Pressão da comunidade forte para participar da individualidade identidade subordinada a identidade de grupos, teste de identidade em geral.	Individualidade escolhida como recreação, identidade individual de maior importância relativa à identidade de grupo, teste de identidade em relação à habilidade específica ou conjunto de habilidades.

Contexto local significativo e igualdade relativa de habilidades dos jogadores entre os lados, não chances de reputação nacional ou pagamento financeiro.	Imposição nacional e internacional no contexto local, emergência dos jogadores de elite e times, chances de estabelecer reputações nacionais e internacionais, tendências a financiamento dos esportes.
---	---

Após esse breve histórico, de comparações a respeito dos jogos tradicionais “indígenas” e os esportes, criamos dois conceitos para melhor explicar a temática proposta nos estudos aplicados à comunidade indígena de Terra Preta:

**2.1 – Atividades Físicas étnicas (naturais):** são todas as atividades físicas executadas pelos índios da etnia de forma lúdica, ou por sobrevivência, de maneira que a característica principal seja o jogo informal, incluindo-se o canto, a dança, a confecção de artesanato, as pinturas corporais, o conto de histórias cotidianas, os mitos e os rituais.



Vejamos algumas:

### 1. Arco e flecha



### 2. Zarabatana ou Karuatana (Nomenclatura Baré)



### 3. Nadar



### 4. Correr (andar, pular, saltar, trepar em árvores, etc.)



## 5. Brincadeiras

### 5.1 Pião



### 5.2 Banhos de rio: Saltos de árvore ou da prancha

5.1 Cupim bola – forma de bola;

5.2 Ouiya: de cabeça;

5.3 Pira-pucu: em pé.



### 5.3 Bolinha de gude ou peteca



## 6. Outras Brincadeiras citadas

- 6.1 Coco-coco
- 6.2 Cabo de guerra
- 6.3 Gavião
- 6.4 Onça e cutia
- 6.5 Konyauara (paquera)
- 6.6 Imitar animais
- 6.7 Passa – passa três
- 6.8 Brincadeira com fios ou cordas...

## 7. O Ritual Dabucuri<sup>14</sup>

É um ritual que manifesta fartura e conagração entre os membros da comunidade indígena. A consagração das realizações sociais de um povo”(Jurema, 2001).

O Dabucuri é realizado para comemorar uma boa caça, uma proveitosa pesca, uma farta produção agrícola, um aniversário, um casamento, festas comunitárias, festas religiosas e em homenagem a pessoas e instituições. Este momento é marcado pela troca dos produtos que estão em evidência e pela reunião social que é realizada.

*Vamos imaginar que a roça de uma família foi muito boa em pupunha<sup>15</sup> – o dabucuri é realizado tendo o nome de dabucuri de pupunha. A família ofertará uma quantidade de pupunha para ser dividida irramente entre os membros da comunidade que ficarão na promessa de retribuir àquela família com alguma coisa amanhã ou em outra oportunidade. As famílias ficam reunidas dentro do salão de festas, obedecendo a sua posição ao sexo e idade. Os membros que são os patrocinadores da festa vão para o lado de fora do salão e ficam enfileirados com as pupunhas na mão é dada à ordem que o dabucuri vai começar com a entrada daqueles elementos no salão. Eles entram dançando, formando um círculo, apresentando as frutas às pessoas que estão presentes, deixam as frutas no meio do círculo e vão para os seus respectivos lugares. A festa tem seu início com muita dança, a dança é livre e juntam-se grupos de várias etnias para realizá-la. Esses grupos fazem sua apresentação sem as mulheres, mas quando começa a dança as mulheres não podem deixar o homem desacompanhado, mesmo que este esteja sem condições físicas para a dança. Depois que está formada a roda de dança, as mulheres começam a passar com as painelas de caxiri<sup>16</sup>. Cada pessoa toma uma cuité<sup>17</sup> e a sobra volta para a painela.*

<sup>14</sup> Também denominado de DABAKURI pelos lingüistas.

<sup>15</sup> Fruta típica da região.

<sup>16</sup> Bebida indígena.

*Caso haja algum visitante este será o último a beber na cuité. São várias as mulheres que passam servindo a bebida. Começa com um número pequeno de mulheres servindo, quatro ou cinco, durante a festa vai aumentando este número até juntarem-se todas (Jurema, 2001).*

A situação de contato com a sociedade envolvente, fez com que a comunidade indígena Terra Preta, não realizasse mais o dabucuri. O professor indígena Jonas Aleixo diz que “isso se deu por que falta peixe, falta caça, falta plantação. A situação é difícil. Agente até tenta ensinar as crianças. Mais é difícil”.

Identificamos ainda nesse contexto, duas situações aparentemente normais aos olhos crus do não pesquisador, mais de fundamental importância dentro da ludicidade indígena:

- A casa de farinha: O trabalho para a sobrevivência<sup>18</sup>.
- A alimentação: um momento lúdico<sup>19</sup> (uma forma de dabucuri (re) significado).

## **2.2 – Atividades Físicas interétnicas (Esportes ou etnodesporto<sup>20</sup>):**

São todas as práticas esportivas adquiridas, a partir do contato com a sociedade envolvente.

---

<sup>17</sup> Vasilhame indígena.

<sup>18</sup> Ver fotos em anexo p. 54-56.

<sup>19</sup> Ver fotos em anexo p. 57-58.

<sup>20</sup> Ver tese de doutorado de FASHEBBER, Ronaldo. UNICAMP.

## 1. FUTEBOL



## 2. VOLEIBOL



Outros esportes foram citados durante a pesquisa e despertam curiosidade e anseio pelo aprendizado dos comunitários. O basquetebol, o tênis-de-mesa, o handebol estão entre os preferidos.

Ao finalizarmos este capítulo utilizamos à fala do Professor Irving Finkel<sup>21</sup>, ao analisar uma pesquisa feita pela ONG Origem Jogos e Objetos<sup>22</sup>, que diz:

*Quando você vê as crianças jogando estes jogos, elas estão completamente alegres. Isto faz lembrar uma coisa que não deve ser esquecida no mundo moderno em que nós vivemos – que a função dos jogos é o prazer, diversão e alegria. E aqui você vê estes jogos simples, num ambiente fantástico, onde eles desempenham a sua verdadeira função, que é colocar as pessoas juntas, dar a elas algum tipo atividade em comum, dar alegria, dar prazer, e também, num outro nível, de uma certa forma treina-los para a vida adulta, por que a maior parte dos jogos têm a ver com a velocidade, habilidade, destreza. Você tem que apontar suas flechas, acertar o alvo, você tem que ser o primeiro a fazer alguma coisa. Há um nível visível de alegria e isto é uma coisa importante de lembrar, por que na história dos jogos, esta sempre foi a função dos jogos, sempre foi o entretenimento, passatempo, conagraçamento entre as pessoas. (Origem e Objetos, Ong, 2003)*

---

<sup>21</sup> Dr. Irving Finkel. DA, Phd, em Antropologia pela Universidade de Birmingham. Keeper assistente do Departamento de Antiquities Asiatic Ocidentais, Museu Britânico.

<sup>22</sup> Ver site: [www.jogosindigenasdobrasil.art.br/port/projeto.asp](http://www.jogosindigenasdobrasil.art.br/port/projeto.asp).



### 3. METODOLOGIA

O desenvolvimento do trabalho se deu em contato constante com a comunidade indígena, pois está entendido que não só a pesquisa bibliográfica é importante, como também a pesquisa de campo dentro dessa perspectiva.

A população trabalhada está localizada a margem esquerda do Rio Negro denominada comunidade Indígena de Terra Preta – Rio Negro no Município de Manaus, onde residem aproximadamente 138 índios da etnia Baré ( Núcleo de Educação Escolar Indígena – NEEI/ Manaus, 2005<sup>23</sup>).

Foram escolhidas 30 crianças<sup>24</sup> deste povo entre as idades de 12 a 15 anos. Observamos na população pesquisada, suas particularidades e especificidades que merecem atenção especial dentro do plano de trabalho proposto.

A metodologia inicial previa que a seleção da amostragem se daria da seguinte forma:

- probabilística aleatória simples (Marconi & Lakatos, 2002). Este tipo de amostragem facilita a análise de dados e cálculo de erros, requerendo o mínimo de conhecimento antecipado da população.

Para o levantamento dos dados, a princípio, seriam utilizados os métodos: Ficha diagnóstico, questionário, aula prática (conforme a realidade local), entrevistas

---

<sup>23</sup> Ver diagnóstico do Núcleo de Educação Escolar Indígena – NEEI/ Manaus, 2005 – anexo p. 46-49).

<sup>24</sup> Ver Anexo p. 49-50.

com anciãos, pajés, etc., recursos audiovisuais (máquina fotográfica, rádio gravador) e observações tendo em vista a tornar válido, fidedigno e padronizada a pesquisa<sup>25</sup>.

Para cada instrumento de coleta de dados utilizamos 02 a 03 horas. A programação seguiu o seguinte roteiro:

- Aula 01 Aplicação do questionário (modificado);
- Aula 02: Atividades práticas (lúdicas) elaboradas, após a avaliação do questionário (modificado);
- Aula 03: Entrevista não-estruturada com o professor indígena da comunidade, o pajé e cinco crianças da etnia Baré (modificado).

Os dados foram aplicados em visitas a comunidade indígena seguindo as datas do cronograma de trabalho.

Como houve mudança na metodologia da pesquisa, os dados seriam analisados conforme tabulação formatada em média (Marconi & Lakatos, 2002), ou seja, após os alunos responderem ao questionário, os resultados poderiam ser comparados em média, a fim de se compreender a importância da revitalização dos jogos tradicionais. Da primeira até a última resposta, os resultados passariam a gráficos para comprovar esta constatação. O gráfico utilizado seria o de superfície retangular.

---

<sup>25</sup> Ver Questionário Sócio-antropológico em anexo p. 51.

## Mudanças metodológicas

A comunidade indígena fez algumas considerações acerca da execução dos procedimentos metodológicos, sugerindo alterações que contribuíram acintosamente para a construção do trabalho.

Uma das primeiras modificações contemplou a mudança do método da pesquisa, passando de quantitativo ao método qualitativo.

Dentro desta perspectiva, a observação participante, a entrevista não estruturada e a conversa informal com um determinado grupo, tornaram-se necessários para se conseguir “captar, interpretar e redigir as informações dos resultados” (Módulo 6 – Monografia, 2005).

O processo de mudança foi importante para o amadurecimento das questões propostas pela pesquisa, respeitando assim, os princípios da multiétnicidade, pluralidade e diversidade cultural dos Povos Indígenas (RCNEI, 2005, p. 22).

*Observar, experimentar, estabelecer relações de curiosidade, formular princípios, definir métodos adequados, são alguns dos mecanismos que possibilitaram a esses povos a produção de ricos acervos de informações e reflexões sobre a Natureza, sobre a vida social e sobre os mistérios da existência humana. Desenvolveram uma atitude de investigação científica, procurando estabelecer um ordenamento do mundo natural que serve para classificar os diversos elementos. Esse fundamento implica necessariamente pensar a escola a partir das concepções indígenas do mundo e do homem e das formas de organização social, política, cultural, econômica e religiosa desses povos (RCNEI, 2005, p.22).*

As modificações sugeridas foram as seguintes:

1. O questionário: a comunidade sugeriu que não só as crianças, como também, os adultos respondessem as questões propostas juntas. Não foi permitido escrever as respostas. A coleta dos dados se deu a partir

da entrevista não-estruturada com a utilização de gravador de voz para registro das respostas;

2. Recurso áudio-visual: permitiram registro fotográfico, a gravação da entrevista em rádio gravador, mais não foi possível a filmagem.
3. A aula: se deu em torno de grande confraternização e alegria entre adultos e crianças.<sup>26</sup>

Na amostragem da população a proposta da pesquisa era escolher 30 crianças. Até foram escolhidas, mais os adultos interagiam no plano amostral fazendo com que as gerações trocassem idéias, motivando assim, o alcance dos objetivos estabelecidos no trabalho.

Kishimoto (1993), em seus estudos traduz esse sentimento de conagraçamento entre as gerações indígenas, no que diz respeito, aos jogos e brincadeiras étnicas:

*Imitar animais são comportamentos místicos tanto de adultos com de crianças, reflexos de símbolos totêmicos antigos. Adultos e crianças, cantam, imitam animais, cultivam suas atividades e trabalham para sua subsistência. Mesmo os comportamentos descritos como jogos infantis não passam de formas de conduta de toda a tribo. As brincadeiras não pertencem ao reduto infantil. Os adultos também brincam de peteca, de jogo de fio e imitam animais. Não se pode falar em jogos típicos de criança indígena. Existem jogos dos indígenas e o significado de jogo é distinto de outras culturas nas quais a criança destaca-se do mundo adulto (Kishimoto, 1993).*

O respeito à educação indígena trouxe relevantes contribuições aos estudos, tendo em vista, que “a participação efetiva, em todos os momentos do processo, não deve ser um detalhe técnico ou formal, mas, sim, a garantia de sua realização”, pois, é na “ participação da comunidade no processo pedagógico da escola,

---

<sup>26</sup> Ver o plano de aula em anexo p. 52-53.

fundamentalmente na definição dos objetivos, dos conteúdos curriculares e no exercício das práticas metodológicas, assume papel necessário para a efetividade de uma educação específica e diferenciada” (RCNEI, 2005, p.24).

### **Recursos**

Na consecução do trabalho foram utilizados alguns recursos distribuídos da seguinte forma:

- **Materiais:** Máquina fotográfica, filmadora, gravador de voz, 10 pastas de papelão, 01 resma papel ofício, 01 cento de papel almaço, 03 rolos de barbantes, 05 folhas de isopor, 02 bolas de futebol, 01 bola de voleibol, 01 peteca, 02 fitas cassetes, 05 caixas de chocolate, 01 cento de sacos e 12 pilhas alcalinas.
- **Financeiros:** o valor total do trabalho entre materiais, passagens e outros somou a quantia de R\$ 1.000,00.

## 4. ANÁLISE DESCRITIVA

### O Programa Segundo Tempo: O esporte e a Escola no mesmo Time

Em 2003, o Ministério do Esporte elaborou o *Programa SEGUNDO TEMPO*, regimentado por meio da Portaria nº 96 de 02 de dezembro de 2004, regulamentado e implementado pela Portaria nº 032 de 17 de março de 2005, objetivando democratizar o acesso à prática esportiva por meio de atividades a serem realizadas no contra-turno escolar, de caráter complementar, com finalidade de colaborar para a inclusão social, bem-estar físico, promoção da saúde e desenvolvimento de crianças e adolescentes, principalmente em situação de vulnerabilidade social, portadores de necessidades especiais e jovens que estão fora da escola, no sentido de possibilitar a sua inclusão no ensino formal.

Criado pela Medida Provisória 103, de 1º de janeiro de 2003, o Ministério do Esporte tem como missão "*formular e implementar políticas públicas inclusivas e de afirmação do esporte e do lazer como direitos sociais dos cidadãos, colaborando para o desenvolvimento nacional e humano*".

Ou seja, sua tarefa é assegurar o acesso de todos a atividades esportivas e de lazer, como parte do compromisso do governo de contribuir para a redução do quadro de injustiças, exclusão e vulnerabilidade social que aflige boa parte da população brasileira. Leva-se em conta, para isso, que o esporte e o lazer são questões de Estado, ao qual cabe promover sua democratização. E que são *direitos sociais*, que podemos chamar de *cidadania esportiva e de lazer*.

Essa é uma tarefa de grandes dimensões, porque passa pela mudança de conceito sobre o papel que a atividade esportiva e de lazer desempenha em nossas vidas. Trata-se de quebrar mitos e preconceitos e de assegurar maior transparência e participação popular no processo de gestão esportiva e de lazer.

O Esporte é tradicionalmente conhecido pelos benefícios que traz ao desenvolvimento humano, na contribuição para a formação física e intelectual. Ele estabelece conceitos de liderança, trabalho em equipe e disciplina, que são estimulados desde a infância, de maneira a formar indivíduos mais solidários e com sentido de cooperação.

No campo do indivíduo e das comunidades, por exemplo, ele pode trazer solidariedade, auto-estima, respeito ao próximo, facilidade na comunicação, tolerância, sentido do coletivo, cooperação, disciplina, capacidade de liderança, respeito a regras, noções de trabalho em equipe, vida saudável, entre outros. E pode auxiliar no combate a doenças, evasão escolar, uso de drogas, criminalidade e assim por diante.

É, igualmente, um componente fundamental na afirmação da identidade nacional, fator de unidade em nossa diversidade cultural. Ou seja, o esporte é parte indissociável do desenvolvimento nacional, pois é uma riqueza que se soma aos nossos recursos naturais, aos valores culturais, ao jeito do brasileiro. É em sua dimensão recreativa, portanto, que o esporte explicita seu potencial sociabilizador, sua capacidade aglutinadora, oxigenando as vidas das pessoas, no seu sentido lúdico, expressão de festa, de alegria.

O foco na área esportiva é a inclusão social. O Programa Segundo Tempo criado pelo Ministério dos Esportes (BRASIL/ Ministério dos Esportes. Editorial nº 3

Dez, 2005), alcança mais de 700 mil crianças e adolescentes matriculados no Ensino Fundamental e Médio das escolas públicas de ensino, localizadas em área de risco social, bem como aqueles que estão fora da escola, em mais de 800 municípios brasileiros.

Seus objetivos se baseiam na democratização do acesso à prática e à cultura do esporte como instrumento educacional, promovendo assim, o desenvolvimento integral dessas crianças e jovens; além de, formar para a cidadania e melhoria de qualidade de vida.

A Constituição Federal em seu art. 217. “É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um”, e assume a condição de direito, na dimensão da inclusão social e educacional.

Pelo mesmo caminho, o Estatuto da Criança e do Adolescente justifica no Cap. IV, art. 59 que “os Municípios, com apoio dos Estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e juventude”.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB N°. 9394/ 96), valoriza em seus princípios as atividades extra-curriculares, dentre elas o Esporte, como fator imprescindível ao desenvolvimento escolar infanto-juvenil.

Devemos compreender o Esporte como um fenômeno educativo sócio-cultural que esta fundamentado com direito Constitucional e s aplica ao desenvolvimento do ser humano(educação, saúde, emprego, meio ambiente).

Seus princípios norteadores abrangem a democratização da prática cultural do esporte, além de promover a inclusão social e educacional, assegurando o desenvolvimento humano. Poderá ajudar a reduzir as situações de risco social de



crianças e adolescentes, diminuindo os índices de evasão e repetência escolar, promovendo a geração de emprego e renda.

No Estado do Amazonas o Programa Segundo Tempo com o apoio da Secretaria Estadual de Educação e Qualidade de Ensino – SEDUC e da Secretaria Estadual de Juventude Esporte e Lazer – SEJEL, atende a 89 escolas distribuídas na capital do Manaus, atingindo a um total de mais de 17.000 mil crianças e adolescentes.

A implantação do Programa na Secretaria Municipal de Educação de Manaus – SEMED se dará a partir do primeiro semestre de 2006.

### **O Programa Segundo Tempo indígena**

Um dos princípios do Programa é a inclusão social, compreendida como possibilidade de garantir o acesso aos bens sociais esporte e lazer, aos segmentos sociais, sem discriminação de classes, etnia, raça, religião, gênero e nível sócio-econômico.

Como o objetivo da pesquisa se pauta a revitalização e valorização da cultura corporal de movimentos das crianças (e, também, dos adultos) do Povo Baré, nossas investigações nos levaram a sugerir a (re) significação de algumas diretrizes do Programa Segundo Tempo, passando este a se chamar Programa Segundo Tempo Indígena – PSTI, que incentive a prática das modalidades esportivas (atividades físicas interétnicas) e valorize a manifestação das atividades físicas étnicas<sup>27</sup> dos Povos Indígenas.

---

<sup>27</sup> Ver conceito. p. 15.

Na Constituição Federal encontramos os fundamentos legais para justificar o PSTI: “O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas. (art.215, 1) e “proteção das formas de expressão (I), os modos de criar, fazer e viver (II).(art.216, I,II)

Dentro do aspecto esportivo o art. 217 subsidia o PSTI, determinando que “é dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um”.

Para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – L.D.B. nº 9.394/96, a União “desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa”, para a população indígena, proporcionando “aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências”, garantindo assim, “o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias.” (art.78, 1 e 2).

Utilizamos ainda, as atribuições das diretrizes do Programa Segundo Tempo que visa “implantar Programas e Projetos que alcancem o público das crianças e dos adolescentes no país, de cultura específica como os povos indígenas, quilombolas, e que abordem temáticas comuns ao esporte, como a capoeira, as danças culturais, entre outras atividades de criação nacional.”(Diretrizes do Programa Segundo Tempo, 2003).

Nesta direção, serão apresentadas abaixo, as modificações pertinentes para que o Programa possa ser (re) significado, ganhando assim um caráter étnico:

1 – Das modalidades: acrescenta-se as duas modalidades esportivas (coletivas e uma individual), as atividades físicas étnicas específicas e diferenciadas de cada Povo (arco e flecha, zarabatana, canoagem, nado, entre outros);

2 – Da monitoria: ao invés de estagiários de Educação Física, o professor indígena da comunidade que desenvolverá as atividades físicas e esportes. Receberá formação do P.S.T. e formação nas modalidades esportivas pelo supervisor de núcleo, professor de Educação Física.

O professor indígena e o professor de Educação Física poderão (re) significar as modalidades esportivas e sistematizar as atividades físicas étnicas, fazendo com que a “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber” (art.206, II), possam ser respeitados dentro de sua especificidade étnica e diversidade cultural.

3 – Todas as outras orientações obedecerão aos critérios estabelecidos no Programa Segundo Tempo, desde que a comunidade indígena participe da implantação do programa.

### **Uma abordagem sobre a educação física escolar indígena**

Na escola dos não-índios a Educação Física é a disciplina que possibilita ao aluno desenvolver aptidões físicas, afetivas e cognitivas naquilo que os especialistas da área chamam de “cultura corporal de movimento”, ou seja, o conjunto de conhecimentos culturalmente produzidos que se referem á movimentação do corpo.

A área da educação física trabalha, portanto, com os vários conhecimentos sobre os movimentos do corpo humano, que se acumulam ao longo do tempo e que se transmitem numa determinada sociedade. As brincadeiras, os jogos, os esportes,

as lutas, as danças e as formas de ginástica fazem parte da chamada “cultura corporal de movimento”.

A implementação de um currículo escolar de Educação Física Escolar Indígena será interessante para os povos indígenas brasileiros. Existem pelo menos três bons motivos:

O primeiro é que certos conteúdos da Educação Física tradicional formal parecem atrair bastante o gosto dos índios. Trata – se das práticas conhecidas como esportes que, hoje em dia, fazem parte do cotidiano e do imaginário de muitos dos povos indígenas que vivem no país.

A admiração dos índios pelo futebol da seleção brasileira e dos clubes profissionais acrescenta – se à prática deste esporte, quase que diária, em muitas comunidades. Há campeonatos estaduais de futebol indígena, torneios dentro de áreas e reservas, encontros futebolísticos entre aldeias e, até mesmo, uma Seleção Nacional de Futebol dos Povos Indígenas. Existem etnias em que as mulheres também jogam, as crianças e os jovens índios crescem familiarizados com esse jogo. O esporte é um fato que, além de ser largamente difundido pelo país, vem se tornando, a cada dia, mais visível nesta sociedade. O interesse indígena pelo futebol estende – se a outras modalidades. Em recentes constatações através dos Jogos Indígenas realizados anualmente e em outros eventos realizados por todo o Brasil, há exemplos de que o voleibol e o atletismo somam – se aos jogos tradicionais e ao futebol na preferência esportiva desses povos.

Como forma crítica de análise a prática futebolística e outras modalidades esportivas, torna-se necessário pesquisar a influência que estes conteúdos possam causar na sociedade indígena. Após o contato sistemático com a sociedade

envolvente há estudos que indicam uma substituição dos jogos tradicionais pelos jogos “dos brancos”. O currículo da Educação Física pode e deve ajudar na formação de alunos capazes de contextualizar e refletir sobre tais situações de conflitos relacionados às culturas corporais indígenas.

Um segundo motivo que nos remete a valorização das atividades e conhecimentos tradicionais relacionados à cultura corporal de movimentos é a questão da saúde. As limitações de territórios indígenas, o isolamento nas aldeias, as instalações de grandes fazendas entorno de suas moradias podem levar ao rareamento da caça e pesca, como consequência natural, modificar hábitos alimentares e a reduzir as atividades físicas dessas populações, principalmente ocasionar problemas como o sedentarismo, a obesidade e casos de diabetes entre índios.

Desse modo certas transformações nas práticas corporais dos povos indígenas, que podem ocorrer como resultado do contato com a sociedade envolvente, indicam que, apesar da enorme diferença entre o modo de vida das cidades e o das aldeias, a preocupação com a saúde não é totalmente estranha à discussão sobre Educação Física em realidades indígenas atuais. É necessário discutir a busca de uma vida saudável para as populações indígenas.

O terceiro motivo para caracterização da Educação Física Diferenciada e Específica nas escolas indígenas está relacionado ao contato desta população com a sociedade nacional o que implica em situações variadas, chegando, até mesmo, a casos de abandono de aspectos da cultura indígena. Elementos da “cultura corporal de movimentos” indígenas, que outrora, eram praticados sem que existissem escolas, podem e devem fazer parte das aulas de Educação Física. Quanto à

relevância de se investir em revitalização de brincadeiras, jogos, danças, lutas, técnicas de confecção de utensílios etc., praticados com regularidade durante séculos, a disciplina diferenciada pode estar a serviço deste trabalho.

É necessário, acima de tudo, tentar descobrir junto aos alunos os significados culturais daqueles jogos, danças, lutas e brincadeiras e, portanto, refletir sobre os motivos pelos quais essas práticas foram “abandonadas”. Dessa forma, a escola diferenciada poderá contribuir para a transmissão de conhecimentos e valores corporais entre antigas e as novas gerações.

A Educação Física Escolar Indígena poderá sistematizar os conhecimentos tradicionais dentro da cultura corporal de movimentos agregando valores dos conhecimentos do domínio do comportamento humano: cognitivo, psicomotor e afetivo-social, servindo também, para divulgar os aspectos corporais das culturas indígenas para a sociedade brasileira, como também estimular a troca de conhecimentos e técnicas dos povos indígenas entre si.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentaremos nossas considerações mostrando a diversidade cultural e étnica inerente aos Povos Indígenas de Manaus, especialmente do Povo Baré da comunidade de Terra Preta – Rio Negro Manaus/ Amazonas.

É importante destacar inicialmente, a ação de inclusão social que o Programa Segundo Tempo desenvolve. A situação de risco social e vulnerabilidade em que crianças e jovens enfrentam dia a dia cresce os índices de marginalidade, prostituição infantil, uso de drogas, entre outros.

A falta de políticas públicas voltadas à educação, aqui destaco a Educação Física é um dos fatores que implicam justificar tal fato. Não obstante, o despreparo de quem desenvolve projetos voltados ao esporte e lazer, a falta de recursos para gerenciá-los, a não continuidade das ações de políticas públicas voltadas para este fim, entre outros fatores, acarretam problemas de ordem social, cultural e econômica, de maneira, que ocorra danos inestimáveis à Nação brasileira.

A importância das ações de programas públicos, ou até mesmo privados, que procurem em sua essência, valorizar as manifestações culturais e diversidade étnica da população brasileira, está fundamentada na Constituição Federal e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação determinada em seus artigos (art. 217, C.F., art. 78, L.D.B.).

Nesta direção destacamos a liberdade de pensamento inerente ao Programa Segundo Tempo. Para as populações indígenas ter liberdade no pensar, no agir, no fazer é fundamental na execução das atividades cotidianas (FREIRE, 1996).

Por esse motivo, houve mudanças significativas nos procedimentos metodológicos apresentados inicialmente, no trabalho, a fim de respeitar suas próprias formas metodológicas de expressar as tradições, os mitos, os contos cotidianos, as danças, as crenças e sua maneira de conceber a vida e de ver o mundo.

A convivência cotidiana com o Povo Baré, contribuiu acintosamente aos estudos, pois nos trouxe possibilidades de apreender e (re) significar alguns conceitos da Educação Física de forma lúdica, como também, humildes e sinceras respostas para vários questionamentos feitos no transcorrer do trabalho.

A (re) significação de conteúdos, ditos formais, que crianças e adultos dão para as manifestações culturais – os jogos - alimenta o imaginário e o “faz-de-conta”, saudáveis nesse processo próprio de ensino aprendizagem, que outrora as situações de contato teimam em difamá-la.

Para este tipo de população excluída do processo de transformação da sociedade de pedra, o anseio, o desejo, a vontade de querer saber mais um pouco sobre os conceitos que a sociedade envolvente criou, cria e impõe, para que possam se “defender” das cobiças e vaidades em que a todo o momento estão expostos, nos mostra o quanto é importante respeitar os saberes tradicionais indígenas, o multiculturalismo, a interculturalidade, o respeito à alteridade. A ponto de relatar que será muito importante revitalizar esses patrimônio milenar e mostrar para a sociedade em geral a verdadeira identidade amazônica.



O Programa Segundo Tempo (re) significado pela população indígena Baré de Terra Preta, contribuiu de forma significativa para a revitalização e valorização das manifestações culturais, destacando aqui os jogos tradicionais.

Para que o P.S.T. tivesse relevância perante a comunidade indígena foi necessário apreender conceitos e formas próprias de ensinar e aprender que são natos dos Povos Indígenas.

Nesse sentido, coube estabelecer estratégias que pudessem fazer os envolvidos no processo entender as diretrizes de funcionamento do Programa de forma benéfica e que pudesse contribuir no convívio social dos mesmos.

Dentro das estratégias procuramos, inicialmente, explicar os procedimentos de atuação do Programa. No segundo momento, procuramos ouvi-los, que em nossa opinião, a parte mais importante na consolidação prática da ação esportiva e cultural.

Os processos próprios de ensino-aprendizagem da comunidade indígena de Terra Preta, trouxeram relevantes contribuições para a melhor consecução do trabalho, não meramente ficou acordado (re) significar conceitos e metodologias oficiais, a ponto de surgir, a idéia de fazer o Programa Segundo Tempo Indígena.

Nesta direção, o Programa Segundo Tempo Indígena – P.S.T.I., manifesta a “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber” próprio de cada etnia (art. 206, II, C.F.).

Momento este, que justifica a relevância da atuação dos princípios do Programa em articulação com as comunidades indígenas. Daí, surgindo conceitos como a classificação das atividades físicas em étnicas e interétnicas, valorizando e respeitando as tradições e saberes milenares indígenas, como também, utilizando os

jogos formais (futebol e voleibol) para contribuir nesse processo de educação através do respeito à diferença (alteridade).

Enfim, a pesquisa consentiu um envolvimento, não apenas técnico, mais, acima de tudo, humano, enfatizando e lembrando problemas sociais enfrentados pelas populações indígenas, historicamente excluídas das ações populares de investimentos em políticas públicas, vivenciando todo o tipo de preconceito, sendo sua cultura difamada e tratada como folclore.

Portanto, como política pública, o Programa Segundo Tempo poderá agir como um meio para revitalizar e valorizar a cultura corporal de movimentos desses povos, mostrando a sociedade em geral que as populações indígenas merecem o reconhecimento de seu modo de viver, de suas ciências, de seu lazer, de sua forma de educar, e principalmente, ser reconhecido como sujeito transformador do processo político e cultural da sociedade brasileira.

**E viva a valorização da identidade cultural!**

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Leonízia Santiago. As políticas Públicas para a Educação Escolar Indígena (1989 – 2003). Dissertação de Mestrado pela Universidade Federal do Amazonas/ PPGE/FACED. Manaus, 2004.
- BARBOSA, Cláudio L. de Alvarenga. Educação Física Escolar: da alienação à libertação. 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- \_\_\_\_\_. Educação Física e Filosofia: a relação necessária. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BRASIL./MEC. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Brasília: MEC/SEF, 2005.
- \_\_\_\_\_/MEC.Geografia Indígena: Parque Indígena do Xingu/ Instituto Socioambiental. Brasília: MEC/SEF/ISA, 1998.
- \_\_\_\_\_/MEC. Referenciais para a Formação de Professores Indígenas. 2ª Ed. Brasília: MEC/ SECAD, 2005.
- \_\_\_\_\_/MEC. Educação Escolar Indígena: as Leis e a Educação Escolar Indígena. Organizado por Luis Donizeti Benzi Grupioni. 2ª Ed. Brasília: MEC/ SECAD, 2005.
- \_\_\_\_\_. Editorial. Ano 3. p. 11: Brasília, 2005
- BREGOLATO, Roseli Aparecida. Cultura Corporal do Esporte – Livro do professor e do aluno – coleção Educação Física Escolar: no princípio da totalidade e na concepção histórico-crítico-social. Vol. 3. São Paulo: Ícone, 2003.
- D'ANGELIS, Wilmar; VEIGA, Juracilda (orgs.). Leitura e Escrita em Escolas Indígenas: encontro de educação indígena no 10º COLE-1995. Campinas: ALB: Mercado de Trabalho, 1997.
- FURASTÉ, Pedro Augusto. Normas Técnicas para o Trabalho Científico: nova ABNT. 13ª ED. Porto Alegre, 2004
- FOIRN/ UNIRT. A Mitologia dos Antigos Dessana – Kehiripōrã/ Tōrāmu Kehirie Umusi Pārōkumu. São Gabriel da Cachoeira /Am. FOIRN/ UNIRT, 1995.
- VEIGA, Juracilda; ROCHA FERREIRA, Maria Beatriz (orgs.). Anais do 6º Encontro sobre Leitura e Escrita em Sociedades Indígenas (VI ELESÍ): Desafios Atuais da Educação Escolar Indígena. Campinas, S.P.: ME/ NCEI/ SNDEL/ ALB, 2005.
- KAMBEBA, Raimundo Cruz da Silva; BONIN, Iara Tatiana (Orgs.). Aua Kambeba – A palavra da Aldeia Nossa Senhora da Saúde. Brasília/D.F.:UNB/CIMI/UNICEF, 1999.

- KISHIMOTO, Tizuko Mochida. Jogos Infantis. Petrópolis. Rj: Vozes, 1993.
- MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 5ª ed. São Paulo, Atlas, 2002
- \_\_\_\_\_, PRESOTTO, Zélia Maria Neves. Antropologia: uma introdução. 5ª ed. São Paulo. Atlas, 2001.
- MELLO, Luiz Gonzaga de. Antropologia Cultural: iniciação, teoria e temas. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MUNDURUKU, Daniel. Sobre piolhos e outros afagos: conversas ao pé da fogueira sobre o ato de educar (se). São Paulo: Callis, 2005.
- MUSSOLINI, Gioconda. Ensaio de Antropologia Indígena e Caiçara. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1980.
- ORIGEM E OBJETOS. (ong). Artigo: jogos indígenas. [www.jogosindigenasdo-brasil.art.br/port/projeto.asp](http://www.jogosindigenasdo-brasil.art.br/port/projeto.asp).
- PRÓ-POSIÇÕES, revista quadrimestral da Faculdade de Educação/ UNICAMP, vol. 6 nº 2 [17]. Jul. Campinas: Unicamp, 1995.
- REZENDE, Justino Sarmiento (Índio Tuyuca). Um Dia de Minha Infância (relatos). Campo Grande, M.S., 2005.
- \_\_\_\_\_. Escutando os Meus Pais – Añuró Tëoápa (relatos). Campo Grande.M.S., 2005.
- \_\_\_\_\_. Vol. 14. nº 2 [41]. maio/agosto. Campinas: Unicamp, 2003
- ROCHA FERREIRA, Maria Beatriz. Jogos e Esportes Sociedades Indígenas: Kaingang e Kadiwéu. Apresentado na VI Semana de Alfabetização – Alfabetização e Desenvolvimento Humano. Educação de Jovem e Adulto – “EJA e Cultura local”. São Paulo, 2005.
- ROJAS, Juciara. Artigo: O lúdico na construção interdisciplinar da aprendizagem: uma pedagogia do afeto e da criatividade na escola. UFMS: Mato Grosso do Sul, 2001.
- SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: técnica e tempo. razão e emoção. 3ª ed. São Paulo: Hucitec. 1999.
- SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luiz Donizete Benzi (orgs.). A Temática Indígena na Escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995
- \_\_\_\_\_. FERREIRA, Mariana Kawall Leal (orgs.). Práticas Pedagógicas na Escola Indígena: coleção antropologia e educação. São Paulo: Global, 2001
- SILVA, Rosa Helena Dias da, BONIN, Iara Tatiana. Pedagogia e Escola Indígena, Escola e Pedagogia Indígena. Mesa redonda – 15º COLE: Congresso de Leitura e Escrita em Sociedades Indígenas. Campinas: Unicamp. 2001.
- STRAUSS, Claude Levi. Antropologia Estrutural. 5ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1996.
- \_\_\_\_\_. Antropologia Estrutural dois. Rio de Janeiro: Tempo Universitário. 1993.

UGGÉ, Henrique. 1ª Cartilha Satere Mawe. Manaus: SEDUC/ NRT, 1986.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA/ CEAD. Esporte e Sociedade. Mód. 1. Organizado por Renato Sampaio Sadi...et al. Brasília: CEAD, 2004.

\_\_\_\_\_. Dimensões Pedagógicas do Esporte. Mód. 2 Organizado por pela Comissão de Especialistas de Educação Física (Ministério do Esporte). Brasília: CEAD, 2004.

\_\_\_\_\_. Jogo, corpo e escola. Mód. 3. Organizado pela Comissão de Especialistas de Educação Física (Ministério do Esporte). Brasília: CEAD, 2004.

\_\_\_\_\_. Manifestações dos Jogos. Mód. 4. Organizado por Micheli Ortega Escobar et al. Brasília: CEAD, 2005

\_\_\_\_\_. Manifestações dos Esportes. Mód. 5. Organizado pela Comissão de Especialistas de Educação Física (Ministério do Esporte). Brasília: CEAD, 2005.

\_\_\_\_\_. Elementos do processo de pesquisa em esporte escolar (pré-projeto). Mód. 6. Organizado por Bernardo Kipnis, Ana Cristina de David. 1ª ed. Brasília: CEAD, 2005.

\_\_\_\_\_. Elementos do processo de pesquisa em esporte escolar (monografia). Mód. 6. Organizado por Bernardo Kipnis, Ana Cristina de David. 1ª ed. Brasília: CEAD, 2005.

ZACHARIAS, Vera Lúcia Câmara F. Artigo: O lúdico na educação infantil, 1998.

## **ANEXOS**

## DIAGNÓSTICO DA COMUNIDADE INDÍGENA DE TERRA PRETA

### • Dados Gerais

Data: 17/11/2005

Comunidade: Associação Comunitária Indígena Agrícola Nyengatu Terra Preta – Rio Negro Amazonas – ACINCTIP.  
 Endereço: Margem esquerda do Rio Negro – Manaus/ Amazonas. Cep: 69000-000 Cx. Postal: 07.  
 Líder: Anildo da Silva Farias – Presidente  
 Escola: Municipal de Terra Preta  
 Professor: Jonas Bruno Aleixo  
 Merendeira: Lenísia Brandão Santos

### • Dados sócio-econômicos

No.de famílias: 28  
 No.de comunitários: 138  
 Etnia(s): Predominância Baré, existe famílias de Baniwa, Tukano, Mura e Munduruku.

### • Atividade de Sustentabilidade:

Agricultura (roça, mandioca, macaxeira, milho, entre outros), pesca, caça, artesanato e turismo.

### • Projetos

Formalmente legalizados em instituição pública ou privada: nenhum

**Dados pedagógicos:**  
 Nº de alunos indígenas: 34  
 Nº de alunos não-indígenas: 06  
 Nº de indígenas falantes da língua: 34  
 Nº. de professores indígenas: 01  
 O professor indígena é falante da língua indígena? Sim

## DADOS DOS COMUNITÁRIOS INDÍGENAS

Nº	Nome do comunitário	Idade	Série	Etnia
01	RONALDO F. BRAZÃO	27	5 <sup>a</sup>	BANIWA
02	ELINÉIA S. A. DA SILVA	23	4 <sup>a</sup>	BARÉ
03	ELIANE DA S. BRAZÃO	08	1 <sup>a</sup>	BARÉ
04	ESTER DA S. BRAZÃO	05	1 <sup>a</sup>	BARÉ
05	ELAINE DA S. BRAZÃO	06 meses	---	BARÉ
06	EMÍLIO F. BRAZÃO	60	1 <sup>a</sup>	BANIWA
07	JUVENTINO ALEXANDRE	48	1 <sup>a</sup>	BANIWA
08	ROGÉRIO F. BRAZÃO	33	1 <sup>a</sup>	BANIWA
09	FÁTIMA F. BRAZÃO	24	8 <sup>a</sup>	BANIWA
10	REGIANE F. BRAZÃO	19	6 <sup>a</sup>	BANIWA

11	JANE F. BRAZÃO	17	6 <sup>a</sup>	BANIWA
12	MARCELO F. BRAZÃO	16	3 <sup>a</sup>	BANIWA
13	ALEXANDRE PAULINO	45	2 <sup>a</sup>	BARÉ
14	PERCINDO B. ALEIXO	44	2 <sup>a</sup>	BARÉ
15	AGEU A. PAULINO	20	5 <sup>a</sup>	BARÉ
16	CLAUDIONÉIA A. PAULINO	22	2 <sup>a</sup>	BARÉ
17	JOSUÉ A. PAULINO	16	2 <sup>a</sup>	BARÉ
18	MARGARETE A. PAULINO	13	4 <sup>a</sup>	BARÉ
19	ALEXANDRA A. PAULINO	07	2 <sup>a</sup>	BARÉ
20	RUTE A. PAULINO	06	1 <sup>a</sup>	BARÉ
21	REBECA A. PAULINO	05	1 <sup>a</sup>	BARÉ
22	LUCAS A. PAULINO	06	1 <sup>a</sup>	BARÉ
23	ÉRICA A. PAULINO	03	1 <sup>a</sup>	BARÉ
24	ISAÍAS A. PAULINO	04 meses	---	BARÉ
25	LINDOMAR A. PAULINO	21	3 <sup>a</sup>	BARÉ
26	ROBSON P. DA SILVA	05 meses	---	BARÉ
27	GABRIEL B. ALEIXO	47	6 <sup>a</sup>	BARÉ
28	SIDONEA F. MANOEL	42	2 <sup>a</sup>	BARÉ
29	RAELMA F. BRUNO	18	5 <sup>a</sup>	BARÉ
30	RAFAEL B. FERNANDES	21	5 <sup>a</sup>	BARÉ
31	ROMÁRIO F. BRUNO	16	5 <sup>a</sup>	BARÉ
32	RAFAELA F. BRUNO	14	4 <sup>a</sup>	BARÉ
33	VALTEO C. DA SILVA	45	2 <sup>a</sup>	BARÉ
34	EUNICE B. ALEIXO	---	2 <sup>a</sup>	BARÉ
35	MARCOS A. DA SILVA	19	2 <sup>a</sup>	BARÉ
36	MEUQUIDES A. DA SILVA	16	1 <sup>a</sup>	BARÉ
37	MEUQUIZAEL A. DA SILVA	14	2 <sup>a</sup>	BARÉ
38	ELIUZA A. DA SILVA	13	3 <sup>a</sup>	BARÉ
39	ELIAS A. DA SILVA	10	1 <sup>a</sup>	BARÉ
40	LIA A. DA SILVA	09	1 <sup>a</sup>	BARÉ
41	MESAQUE A. DA SILVA	06	1 <sup>a</sup>	BARÉ
42	DÉBORA A. DA SILVA	01	---	BARÉ
43	ELISEU A. DA SILVA	03	---	BARÉ
44	OLAVO B. ALEIXO	53	4 <sup>a</sup>	BARÉ
45	LUCILENE A. SILVA	36	2 <sup>a</sup>	BARÉ
46	EZEQUIEL S. ALEIXO	19	5 <sup>a</sup>	BARÉ
47	JEREMIAS S. ALEIXO	16	5 <sup>a</sup>	BARÉ
48	DANIEL S. ALEIXO	13	3 <sup>a</sup>	BARÉ
49	BRUNO F. ALEIXO	03	---	BARÉ
50	MÁRIO C. BRUNO	62	1 <sup>a</sup>	BARÉ
51	EUNICE PEREIRA	55	1 <sup>a</sup>	BARÉ
52	DAVI PEREIRA	26	4 <sup>a</sup>	BARÉ
53	LÉDISSE C. PEREIRA	27	2 <sup>a</sup>	BARÉ
54	GRACIMAR C. PEREIRA	16	1 <sup>a</sup>	BARÉ
55	DANIELA C. PEREIRA	14	3 <sup>a</sup>	BARÉ
56	MARIANA C. PEREIRA	12	2 <sup>a</sup>	BARÉ
57	ALESSANDRO C. PEREIRA	07	1 <sup>a</sup>	BARÉ
58	CLEIANE C. PEREIRA	01	---	BARÉ
59	SARA C. PEREIRA	01	---	BARÉ
60	ALDA PAULINO	51	2 <sup>a</sup>	TUKANO
61	REGINALDO A. BRUNO	23	4 <sup>a</sup>	BARÉ



62	LAURA C. ALEIXO	14	2 <sup>a</sup>	BARÉ
63	ISAQUE A. BRUNO	08	1 <sup>a</sup>	BARÉ
64	ISRAEL B. PAULINO	01	---	BARÉ
65	JOEL A. B. PAULINO	28	8 <sup>a</sup>	BARÉ
66	DINÁ F. VILACORTO	23	1 <sup>a</sup>	BARÉ
67	MIRIAM F. PAULINO	06	1 <sup>a</sup>	BARÉ
68	JOSIEL F. PAULINO	08	1 <sup>a</sup>	BARÉ
69	CLÉBER F. PAULINO	03	---	BARÉ
70	DIEGO F. PAULINO	11 meses	---	BARÉ
71	MOISÉS B. DE OLIVEIRA	44	1 <sup>a</sup>	BARÉ
72	SUELY GOMES	48	1 <sup>a</sup>	BARÉ
73	ABRÃO G. DE OLIVEIRA	18	5 <sup>a</sup>	BARÉ
74	JOÃO G. DE OLIVEIRA	14	4 <sup>a</sup>	BARÉ
75	LEANDRO G. DE OLIVEIRA	13	3 <sup>a</sup>	BARÉ
76	LEONARDO G. DE OLIVEIRA	11	2 <sup>a</sup>	BARÉ
77	LUCIANO G. DE OLIVEIRA	05	1 <sup>a</sup>	BARÉ
78	MARCIANO G. DE OLIVEIRA	07	2 <sup>a</sup>	BARÉ
79	CLODOALDO S. ALEIXO	27	8 <sup>a</sup>	BARÉ
80	CECÍLIA Y. SERAFIM	17	3 <sup>a</sup>	BARÉ
81	SAMIRA S. ALEIXO	04 meses	---	BARÉ
82	ARNALDO B. YAROMARE	21	4 <sup>a</sup>	BARÉ
83	ROSA F. ALEIXO	29	Méd.comp.	BARÉ
84	MANOEL G. DE ALEIXO	22	4 <sup>a</sup>	BARÉ
85	SANDRA A. BRUNO	17	3 <sup>a</sup>	BARÉ
86	LARISSA DE O. PAULINO	02 meses	---	BARÉ
87	NATANAEL L. DA SILVA	27	2 <sup>a</sup>	BARÉ
88	ALCIMARA A. BRUNO	19	3 <sup>a</sup>	BARÉ
89	ALEX A. BRUNO	01	---	BARÉ
90	SANSÃO A. CALDAS	45	1 <sup>a</sup>	MURA
91	FLORA B. YAROMARE	21	<sup>a</sup>	BARÉ
92	GLEICI C. YAROMARE	02	---	BARÉ
93	ANTÔNIO MACHADO	27	1 <sup>a</sup>	MURA
94	MARIA E. B. PAULINO	26	3 <sup>a</sup>	BARÉ
95	SADRAQUE A. MACHADO	08	1 <sup>a</sup>	BARÉ
96	KEZIA A. MACHADO	01	---	BARÉ
97	MARCÉLIA A. MACHADO	03	---	BARÉ
98	MARIANA A. MACHADO	09 meses	---	BARÉ
99	SAMUEL A. B. PAULINO	31	5 <sup>a</sup>	BARÉ
100	RAIMUNDO G. DE OLIVEIRA	24	3 <sup>a</sup>	BARÉ
101	SÁVIO DE O. PAULINO	07	1 <sup>a</sup>	BARÉ
102	STELANE DE O. PAULINO	03	---	BARÉ
103	STEFANY DE O. PAULINO	05	1 <sup>a</sup>	BARÉ
104	RAICIANE DE O. PAULINO	01	---	BARÉ
105	CLEOTILDO B. YAROMARE	63	---	BARÉ
106	FELICIANO SERAFIM	35	1 <sup>a</sup>	BARÉ
107	DALITA B. YAROMARE	36	---	BARÉ
108	PATRÍCIA Y. SERAFIM	12	2 <sup>a</sup>	BARÉ
109	FÉLIX Y. SERAFIM	07	1 <sup>a</sup>	BARÉ
110	LAURENTINO Y. SERAFIM	05	---	BARÉ
111	CÉLIA Y. SERAFIM	03	---	BARÉ
112	JONAS B. ALEIXO	41	7 <sup>a</sup>	BARÉ

113	LENÍZIA BRANDÃO	30	4 <sup>a</sup>	BRANCA
114	ANILDO DA S. LEVINO	28	4 <sup>a</sup>	BARÉ
115	ROSINETE C. PEREIRA	22	1 <sup>a</sup>	BARÉ
116	LEDIANE P. DA SILVA	07	1 <sup>a</sup>	BARÉ
117	ADRIANO P. DA SILVA	06	1 <sup>a</sup>	BARÉ
118	DÊNIS P. DA SILVA	02	---	BARÉ
119	GILBERTO A. NARCISO	31	4 <sup>a</sup>	BARÉ
120	VERA LÚCIA C. PEREIRA	28	3 <sup>a</sup>	BARÉ
121	VANESSA P. NARCISO	10	2 <sup>a</sup>	BARÉ
122	GIBEON P. NARCISO	08	1 <sup>a</sup>	BARÉ
123	JEANE P. NARCISO	07	1 <sup>a</sup>	BARÉ
124	ELÍGIO P. NARCISO	03	---	BARÉ
125	JÉSSICA P. NARCISO	04	1 <sup>a</sup>	BARÉ
126	GISELE P. NARCISO	01	---	BARÉ
127	GEMILSON B. YAROMARE	26	3 <sup>a</sup>	BARÉ
128	ROSA C. PEREIRA	19	1 <sup>a</sup>	BARÉ
129	ROSIANE P. YAROMARE	05	1 <sup>a</sup>	BARÉ
130	ROSILANE P. YAROMARE	04	1 <sup>a</sup>	BARÉ
131	ROSILENE	02	---	BARÉ
132	MANOEL B. CARVALHO	53	---	MUNDURUKU
133	MARIA DO S. M. CARVALHO	45	2 <sup>a</sup>	MUNDURUKU
134	CASSIANO BRUNO ALEIXO	77	---	BARÉ
135	MARQUES A. DA SILVA	21	4 <sup>a</sup>	BARÉ
136	BENAMARO V. COUTO	19	1 <sup>a</sup>	BRANCO
137	BRUNO SILVA DA SILVA	01	---	BARÉ
138	JOÃO M. S. DA SILVA	03	---	BARÉ

**Alunos selecionados – amostra**

Nº	NOMES	IDADE	SÉRIE	ETNIA
01	ELIANE DA S. BRAZÃO	08	1 <sup>a</sup>	BARÉ
02	REGIANE F. BRAZÃO	19	6 <sup>a</sup>	BANIWA
03	JANE F. BRAZÃO	17	6 <sup>a</sup>	BANIWA
04	MARCELO F. BRAZÃO	16	3 <sup>a</sup>	BANIWA
05	JOSUÉ A. PAULINO	16	2 <sup>a</sup>	BARÉ
06	MARGARETE A. PAULINO	13	4 <sup>a</sup>	BARÉ
07	RAELMA F. BRUNO	18	5 <sup>a</sup>	BARÉ
08	ROMÁRIO F. FERNANDES	16	5 <sup>a</sup>	BARÉ
09	RAFAELA F. BRUNO	14	4 <sup>a</sup>	BARÉ
10	MARCOS A. DA SILVA	19	2 <sup>a</sup>	BARÉ
11	MEUQUIDES A. DA SILVA	16	1 <sup>a</sup>	BARÉ
12	MEUQUIZAEL A. DA SILVA	14	2 <sup>a</sup>	BARÉ
13	ELIUZA A. DA SILVA	13	3 <sup>a</sup>	BARÉ
14	ELIAS A. DA SILVA	10	1 <sup>a</sup>	BARÉ
15	LIA A. DA SILVA	09	1 <sup>a</sup>	BARÉ
16	EZEQUIEL S. ALEIXO	19	5 <sup>a</sup>	BARÉ
17	JEREMIAS S. ALEIXO	16	5 <sup>a</sup>	BARÉ
18	DANIEL S. ALEIXO	13	3 <sup>a</sup>	BARÉ
19	GRACIMAR C. PEREIRA	16	1 <sup>a</sup>	BARÉ
20	DANIELA C. PEREIRA	14	3 <sup>a</sup>	BARÉ
21	MARIANA C. PEREIRA	12	2 <sup>a</sup>	BARÉ

22	LAURA C. ALEIXO	14	2 <sup>a</sup>	BARÉ
23	ISAQUE A. BRUNO	08	1 <sup>a</sup>	BARÉ
24	JOSIEL F. PAULINO	08	1 <sup>a</sup>	BARÉ
25	ABRÃO G. DE OLIVEIRA	18	5 <sup>a</sup>	BARÉ
26	JOÃO G. DE OLIVEIRA	14	4 <sup>a</sup>	BARÉ
27	LEANDRO G. DE OLIVEIRA	13	3 <sup>a</sup>	BARÉ
28	LEONARDO G. DE OLIVEIRA	11	2 <sup>a</sup>	BARÉ
29	SANDRA A. BRUNO	17	3 <sup>a</sup>	BARÉ
30	VANESSA P. NARCISO	10	2 <sup>a</sup>	BARÉ



**PROGRAMA SEGUNDO TEMPO**  
**O Esporte e a Escola no Mesmo Time**



## Monografia

### Questionário sócio - antropológico

Escola: \_\_\_\_\_

Comunidade: \_\_\_\_\_

Etnia: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Pai: \_\_\_\_\_

Mãe: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_ Série: \_\_\_\_\_ Sexo: M( ) F( ) Etnia: \_\_\_\_\_

#### Perguntas

- 1 – Você gosta de brincar? Por quê?
  - 2 – Qual a brincadeira que você mais gosta?
  - 3 – Escreva como é a brincadeira?
  - 4 - Quais outros tipos de brincadeira?
  - 5 – Conte uma história indígena (lenda).
  - 6 – Fale sobre a importância de revitalizar a cultura Baré.
  - 7 – Escreva o nome do Ritual indígena Baré.
  - 8 – Como e quando se realiza o ritual?
  - 9 – Desenhe você brincando?
- 
- 2 – Entrevista.
  - 3 - Material áudio visual: máquina fotográfica, filmadora e gravador.
  - 4 – Observações

<b>PLANO DE AULA</b>	
<b>Escola Municipal de Terra Preta</b>	
<b>Turma:</b> A <b>Turno:</b> Matutino <b>Sala:</b> 01 <b>Séries:</b> 1 <sup>a</sup> á 4 <sup>a</sup>	
<b>Faixa Etária:</b> entre 08 ao mais idoso indígena da comunidade	
<b>Objetivo:</b> Estimular a participação da comunidade escolar do processo de revitalização dos jogos tradicionais do Povo Baré.	
<b>ATIVIDADES</b>	
<b>1<sup>a</sup> Imitar animais</b>	
<b>Descrição:</b> Alunos dispostos da melhor maneira que quiserem. Conforme a orientação do professor, imitarão movimentos de animais seguindo uma seqüência. Em seguida, os alunos poderão sugerir outros animais. Seqüência: preguiça, pássaro e macaco.	
<b>Materiais utilizados:</b> nenhum	
<b>Tempo previsto:</b> 7 minutos	
<b>2<sup>a</sup> Amarelinha</b>	
<b>Descrição:</b> tradicionalmente jogado	
<b>Materiais utilizados:</b> pedaços de madeira	
<b>Tempo previsto:</b> 10 minutos	
<b>3<sup>a</sup> Rede de pescadores</b>	
<b>Descrição:</b> Os alunos dispostos livremente em um campo. É escolhido um pegador (pega-pega). Cada vez que o pegador tocar (colar) um colega, o mesmo se unirá através das mãos dadas. Até que o último seja colado formando assim a rede.	
<b>Material utilizado:</b> nenhum	
<b>Tempo previsto:</b> 10 minutos	
<b>4<sup>a</sup> Futebol em dupla</b>	

<b>Descrição:</b> Jogo de futebol em que os membros de cada equipe jogarão de mãos dadas.
<b>Material utilizado:</b> 01 bola de futebol
<b>Tempo Previsto:</b> 15 minutos
<b>5ª Banho de rio</b>
<b>Descrição:</b> Tomar banho a vontade no rio Negro.
<b>Material utilizado:</b> nenhum
<b>Tempo previsto:</b> 20 minutos
<b>Avaliação:</b> No decorrer da participação dos alunos nas atividades propostas, os mesmos podem sugerir outras atividades ou (re) significar as que estão no plano de aula.
<b>OBS:</b>

## A Casa de Farinha









## A Alimentação – O momento lúdico





## Escola Municipal de Terra Preta



### O primeiro morador: Cassiano Aleixo e seus netos



### Presidente da Comunidade Terra Preta – Baré Anildo Levino



Presidente Anildo Levino (esquerda), Professor Jonas Aleixo (centro) e o Professor Jhones Rodrigues Pereira (direita) acertando os últimos detalhes da consecução da monografia e proposta para o Programa Segundo Tempo Indígena.

